

História, Hermenêutica e Representação

ASTOR ANTÔNIO DIEHL

*Doutor em Teoria e Metodologia da História pela
Ruhr- Universität Bochum, Alemanha. Professor de
História da Universidade de Passo Fundo (RS).*

PROBLEMÁTICA

Em épocas de crise da ciência, a epistemologia e a ética ganham renovada importância. A palavra crise aqui deve ser usada entre aspas, pois utilizamos o termo como parâmetro da radicalização dos princípios epistemológicos da ciência moderna. A epistemologia ganha importância no tempo presente na medida em que o debate passa a vasculhar os princípios de verdade dos discursos hegemônicos sobre o passado. A ética acompanha essas reflexões como um atributo de estabelecer os parâmetros limítrofes das práticas científicas. Sempre que tais limites são rompidos (ameaçados) em qualquer disciplina científica, a ética é trazida à tona para chamar a atenção da consciência dos cientistas e instituições da ciência para dialogar.

No caso específico da história, estamos acumulando, nas últimas duas décadas, sinais de profundas mudanças na matriz disciplinar. A inserção da hermenêutica e a dos novos parâmetros da racionalidade são os sinais da crise. Se eu consigo observar as mudanças de forma satisfatória; então apresento a hipótese de que o embate não está sendo feito apenas em termos teóricos, mas especialmente na ruptura e (re)confeção das redes metodológicas. E se fossemos radicalizar as conseqüências da mudança, poder-se-ia afirmar que o campo de batalhas é o das representações e narrativas. Todavia aquilo que a discussão ética representa nas ciências ditas naturais (por falta de outra expressão), a narração passa a significar hoje para a história como ciência¹.

Portanto, dentre as inúmeras possibilidades de cercar a problemática das representações na história, tomaremos apenas dois aspectos: a narrativa na história e a inserção da hermenêutica como elemento de redefinição da racionalidade moderna.

NARRATIVIDADE NA HISTÓRIA

O termo narratividade foi introduzido no debate histórico-historiográfico através da filosofia analítica da história², bem como paralelamente através das pesquisas sistemáticas da teoria literária e da lingüística exegética dos textos³.

A narratividade abarca uma especificidade lógica do leque de relações da linguagem através da qual pessoas narram representações do passado pela historiografia e literatura. Dependendo das relações que são estabelecidas nas perspectivas de pesquisas serão também vinculados os princípios narrativos, frases, textos como elementos de narratividade, estruturas narrativas ou esquemas.

Na área do conhecimento histórico e sua respectiva teorização, narratividade significa, em primeiro lugar, o fato que toda história é apresentada como um contar sobre o passado. Isso significa representar o passado como histórias. Se esse fato está estreitamente fazendo a ligação entre história e narração, o que é posição indiscutível, então surgem, problemas quanto à fundamentação mais exata em termos de teorias da história. A questão central, por onde surgem os problemas de fundamentação, pode ser formulada a partir da construção do próprio conhecimento histórico: a narrativa com sua seqüência, culminando na síntese, é estruturada através de aspectos externos do discurso sobre o passado ou ela vem estipulada a partir da relação conceitual interna da própria história? Em outras palavras, poder-se-ia afirmar que a narrativa seria uma resposta para a questão do já discutido problema da filosofia da história, através do qual o passado é ou não tornado história.

Essa questão traz à tona um problema subjacente, mas não menos importante da narratividade histórica. Podemos ampliar o grau de complexidade da questão, se tomarmos a constituição da consciência histórica, ou seja, a especificação de como a história – o passado – é constituída em história no processo de análise da pesquisa.

HISTÓRIA, HERMENÊTICA E REPRESENTAÇÃO

Nessa perspectiva, podemos então observar que a narratividade se tornou um dos problemas atuais do debate. A atualidade desse problema também vem, por um lado, da maneira específica do desenvolvimento da história cultural, vista pelo ângulo metodológico, e, de outro lado, pela crise paradigmática que a história vem enfrentando como ciência⁴.

A tentativa de buscar uma estrutura narrativa específica para a história e a multiplicidade de perspectiva teóricas em jogo indicam uma revisão dos conceitos básicos do próprio conhecimento histórico. Dessa necessária revisão não se explica apenas o fato que o problema é metodológico, mas de que precisamos redefinir as relações entre narração e explicação, e entre narração e teoria. Portanto, compreende-se que a base clássica da narração fora reduzida a uma forma de representação daquilo que foi pesquisado, não chegando dessa maneira aos aspectos das formas de representação do passado em termos de estruturas didáticas: as funções do conhecimento histórico em um dado contexto.

Assim, uma reabilitação da narrativa histórica como algo específico somente será possível se tomada como um dos critérios de plausibilidade do conhecimento histórico. Isso significa incluir na sua estrutura teórica elementos do discurso histórico como fonte fundamental da explicação.

Arthur Danto procurou, através de sua análise, discutir os esquemas narrativos da explicação histórica, mostrando que a oposição narrativa x teoria é falsa, levando inclusive avaliações errôneas.

Os aspectos levantados por Danto de forma alguma foram superados naquele momento, tanto que mereceram debates posteriores. Pelo contrário, suas considerações foram importantes por chamarem a atenção para o significado da narração, sua fundamental necessidade no processo de constituição da pesquisa e do conhecimento histórico, bem como na função de teorização na história social e da história cultural⁵.

Evidentemente está que a caracterização acima, apenas delimitou a importância da narratividade. É certo que a narrativa sempre irá estar presente em textos com conteúdos históricos, que o espaço da história narrada está presente na interferência de ações, na heterogeneidade dos fins e na contingência; que história na sua prática de constituição precisa ter presente estruturas narrativas; que narrativa e teoria precisam estar minimamente em situação de complementaridade; que as teorias também precisam estar sujeitas ao conteúdo do debate da narração.

Nesse sentido, a questão de fundo proposta aqui é de trazer a discussão das formas narrativas para dentro do debate, vinculando-as aos princípios das teorizações, das metodizações e didatizações na constituição do conhecimento histórico. Fora disso, a discussão da narratividade cairá no esgotamento das formas de representação do passado e em debates meramente técnicos vinculados a estruturas frasais onde o conteúdo histórico como conhecimento perderá seu significado na tarefa de produzir possibilidades de consciência.

HERMENÊUTICA E REPRESENTAÇÃO

Hermenêutica significa, primeiramente, o processo metodológico da interpretação com o objetivo de compreender o significado quando um texto não é entendido de imediato. Ela foi inicialmente a arte da interpretação dos textos bíblicos e jurídicos de forma normativa e ocasional. Além dessa hermenêutica normativa, Gadamer⁶ examina sobretudo na filosofia da hermenêutica a possibilidade do compreender o seu significado numa espécie de teoria do conhecimento das ciências humanas, separando-as de explicações das ciências naturais.

De ambas as variantes da hermenêutica é possível diferenciar o compreender histórico. A compreensão histórica ocorre não apenas no texto ou nas fontes, mas em toda ação humana do passado capaz de ser resgatada dos documentos e das fontes orais. Nesse sentido, os restos de expressões de ações humanas no passado recebem interpretações compreensíveis a partir de tradições, representações de valor, significações e de perspectivas de futuro. A compreensão histórica sempre terá presente a experiência atual de vida do historiador e, portanto, de uma pré-compreensão como ponto de partida. Entretanto, para que as ações do passado não estejam submetidas somente ao presente, é preciso lançar mão de uma série de regras e operações, com as quais o contexto das ações e suas relações possam ser reconstruídos e objetivados, e assim possuem um mínimo de universalidade, mesmo que precária⁷.

Essas regras e operações possibilitam corrigir e, ao mesmo tempo, ampliar o horizonte de compreensão original dos intérpretes e separar deste compreender, aquilo que foi atribuído posterior como pelo historiador so-

HISTÓRIA, HERMENÊTICA E REPRESENTAÇÃO

bre as intenções da práxis humana no passado. Requer-se assim uma interpretação crítica, tal como propõem as ciências humanas para que o sentido mais próximo possível da veracidade não nos chegue mascarado ou deformado por ideologias⁸. Entretanto, é ilusão buscar o conhecimento histórico a partir de um modelo objetivista. Isso ocorre por duas razões: a) a compreensão é entendida como um projeto lançado, ou seja é o historiador que se lança para além do tempo, numa espécie de significado antecipado, b) por que vivenciamos o tempo histórico, no qual o passado nos interpela constantemente. Nas duas razões apontadas, o conhecimento histórico é, ao mesmo tempo, saber histórico e ser histórico. Evidentemente, está que, a essa altura é importante entender o quadro complexo em formação, especialmente no sentido do pertencimento a uma tradição e ao estabelecimento das relações entre o todo textual e suas partes. Tal processo, forma o entendimento do círculo hermenêutico segundo Gadamer, cuja discussão vem de Schleiermacher. Trata-se aqui de compreender o valor intrínseco dos argumentos de um autor, cujo texto pertence, em primeiro lugar, ao conjunto de obras e, em segundo, ao gênero historiográfico de onde provém. Sua compreensão só acontecerá se entendermos o texto num momento de criação, inserido na totalidade experimentada pelo seu autor. Portanto, o objetivo daquele que interpreta é se fazer mediador entre o texto e a totalidade nele implícito e, nesse sentido, a hermenêutica procura restituir e restabelecer o acordo⁹.

Não seria exagero afirmar aqui que a própria busca desse acordo é produtividade do processo histórico, pois estamos lidando com a possibilidade da distância temporal quando nos remetemos ao passado (recoo no tempo). Esse remeter ao passado implica na produtividade de novas temporalidades a partir de um presente indefinido, recuamos no tempo com preconceitos. Esses preconceitos são vistos aqui não como particulares, mas como diretrizes da compreensão¹⁰

Novamente, para que a significação do passado não seja perspectivada cegamente pelos preconceitos, é preciso uma crítica hermenêutica. A tarefa crítica da hermenêutica deve distinguir os preconceitos que cegam, dos preconceitos que esclarecem. Obviamente, o objetivismo não teria mais nada a dizer frente esse impasse. É, portanto, preciso ir a radicalidade.

A crítica hermenêutica deve denunciar o preconceito, surpreendendo sua possível validade. A reflexão de denúncia dos preconceitos é formada

pela interrogação provocativa. O resultado é o retorno renovado com uma tradição que se encontra na origem deles, podendo esse encontro ser a constatação da alteridade. Nesse sentido, toda possibilidade de compreensão começa com algo que nos provoca. Estabelece-se então uma situação dialógica de mediação entre o presente e passado. Evidentemente, a crise dos fundamentos da história como disciplina com plausibilidade levou a discussão para campos polarizados. De um lado estão aqueles que se mantêm definidos por uma reconstituição estrutural do passado. Do outro lado encontramos de frente com aqueles que enceraram o debate no nível da racionalidade universal, deslocando-se para a reconstituição das representações do passado. Essa bifurcação do debate caracteriza-se, por vezes, pela estigmatização e em uma luta entre o bem e o mal. Nesse sentido, ambos os lados carecem e fecham-se para as possibilidades de diálogo.

A relação dialógica é a maneira pela qual se revela a consciência da produtividade histórica na compreensão hermenêutica. Sem dúvida, o aparecimento da consciência histórica constitui talvez o aspecto mais importante da constituição da história como disciplina moderna. A consciência histórica, além de ser o parâmetro de compreensão fundamental da historicidade do passado, é também a possibilidade do reconhecimento intelectual contemporâneo “do poder suportar” e do “ter que suportar” o mundo nas suas mais diferenciadas significações.

A consciência histórica, com esse qualitativo, nos mostra que estar no mundo ainda não é o parâmetro da chave e da fechadura, de que a partir da história teríamos o conhecimento suficientemente infalível e ideal para a revolução dos modos de ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, J. (Orgs.). Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

DANTO, Arthur C. História y narración. Barcelona/ Buenos Aires/ México: Ediciones Paidós, 1989.

DE DECCA, Edgar S. e LEMAIRE, Ria (Orgs.). Pelas margens. Outros caminhos da história e da literatura. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade-UFGRS, 2000.

HISTÓRIA, HERMENÊTICA E REPRESENTAÇÃO

DOSSE, François. Paul Ricoeur revoluciona a escrita da história. In: Rev. Margem. Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, n. 5, 1996. p. 9- 30.

FRUCHON, Pierre (org). O problema da consciência histórica. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GADAMER, H.G. Wahrheit and Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik. 3ªed. Tübingen, 1972.

HOBSBAWM, Eric. Sobre a história. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 201-206.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

STIERLE, K. Text als Handlung. Perspektiven einer systematischen Literaturwissenschaft. Munique: 1975.

WHITE, Morton. Foundation of Historical Knowledge. New York, 1965.

NOTAS:

¹ Existe um pequeno texto, *A volta da narrativa* de Eric Hobsbawm, no qual o autor, nos anos 1980, debate com outros autores e explica o retorno da narrativa. HOBSBAWM, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p. 201-206.

² WHITE, Morton. *Foundation of Historical Knowledge*. New York, 1965 e DANTO, Arthur C. *Analytical Philosophy of History*. Cambridge, 1965(tradução parcial espanhola *Historia y narración*. Barcelona/ Buenos Aires/ México: Ediciones Paidós, 1989).

³ STIERLE, K. Text als Handlung. *Perspektiven einer systematischen Literaturwissenschaft*. Munique: 1975, especialmente p. 49-55.

⁴ Ver aqui duas obras recentes DE DECCA, Edgar S. e LEMAIRE, Ria (Orgs.). *Pelas margens. Outros caminhos da história e da literatura*. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da Universidade-UFGRS, 2000 e CARDOSO, Ciro F. e MALERBA, J. (Orgs.). *Representações. Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.

⁵ DANTO, Arthur C. *História y narración*. Barcelona/ Buenos Aires/ México: Ediciones Paidós, 1989.

⁶ GADAMER, H.G. Wahrheit and Methode. *Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. 3ª ed. Tübingen, 1972.

⁷ DOSSE, François. Paul Ricoeur revoluciona a escrita da história. In: *Rev. Margem*. Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, n. 5, 1996. p. 9-30.

⁸ GADAMER, H. G. Problemas epistemológicos das ciências humanas. In: FRUCHON, Pierre (org). *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.19

⁹ GADAMER, H. G. In: FRUCHON, P. op.cit. p.59

¹⁰ Ver SOUZA SANTOS, Boaventura de. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

RESUMO: Objetiva-se discutir as possibilidades de aproximação entre história, narrativa e representação a partir de dois aspectos: a narrativa na história e inserção da hermenêutica na proposta para redefinição da racionalidade moderna.

PALAVRAS-CHAVES: história, narrativa, hermenêutica, representação.

ABSTRACT: The possibilities of a correlation between history, narrative and representation are discussed from two points of view: the narrative in history and the inclusion of hermeneutics in the proposal of a redefinition of the modern rationality.

KEY WORDS: history, narrative, hermeneutics, representation.